

NEM INTELECTUALISMO, NEM ANTI-INTELECTUALISMO*

Os academicistas assustam-se diante de tal encruzilhada, habituados que estão a lidar com “neutralidade” científica. Esta postura comum ao discurso acadêmico estende-se para além dele, chegando ao jornalismo e a sua pretensa “imparcialidade”. Os “neutros” acadêmicos e os “imparciais” jornalistas divulgam a todo o mundo esta impossível ideia. Tal pressuposto é impraticável. Não passa de mero discurso para iludir os mais incautos e confirmar o palavrório dos conservadores e oportunistas.

Contudo, problema maior ainda vem dos Coletivos, Organizações e indivíduos que se opõem a este discurso da “imparcialidade” e “neutralidade” e estão de certa forma envolvidos com as lutas das classes trabalhadoras. É muito comum, infelizmente, a presença em seguimentos mais radicalizados de uma rejeição da crítica teórica. Tais Coletivos e indivíduos argumentam que o necessário, que a única forma de luta é estar na “ação direta”. Independentemente das condições históricas, do desenvolvimento das lutas sociais etc. tais Coletivos e indivíduos defendem a qualquer custo e a despeito das demais formas de luta, a “ação”, o “protesto”... Colocamos as expressões entre aspas não por que nos opomos a isto, mas consideramos tais coisas dentro de uma perspectiva mais ampla, para além do mero praticismo.

Assim, nem o intelectualismo típico dos acadêmicos, nem o anti-intelectualismo típico de alguns militantes é suficiente. Ambas as posturas devem ser rejeitadas. O intelectualismo acadêmico é conservador e com frequência conduz ao imobilismo. O anti-intelectualismo, por ser irrefletido, não discute os rumos da luta, as possibilidades de efetivação de determinados processos, com frequência culmina em um desperdício de energia considerável dos militantes e regularmente não alcança os objetivos práticos, imediatos, que tanto defendem, conduzindo, paradoxalmente, ao imobilismo.

* Editorial da Revista Enfrentamento. Goiânia: ano 9, nº 15, jan/jun. 2014.

Não objetivamos aqui desenvolver a discussão, mas tão somente colocar o problema. Este Enfrentamento, que colocamos agora à disposição do público é parte desta concepção. Os textos aqui recolhidos são o resultado da reflexão dos militantes do Movimento Autogestionário partindo do entendimento que a Luta contra o capital se dá em todos os âmbitos da vida social. A crítica rigorosa das ideologias, dos movimentos, do capital, do estado etc. é parte instituinte do conjunto das lutas.

Neste número, como parte deste processo, o texto de Nildo Viana aborda teoricamente o conceito de Luta Cultura em Marx. O artigo de Rubens Vinícius da Silva e Diego Marques Pereira dos Anjos discute a relação entre juventude e lutas sociais, demonstrando como hoje, no Brasil e no mundo tal parcela da população vem se colocando como um dos grupos mais radicais do ponto de vista político. O texto de Lucas Maia faz um balanço das Jornadas de Junho de 2013 no Brasil, já fazendo apontamentos para uma leitura teórica que explique as causas, motivações, bem como demonstrando os limites daquelas lutas de um ponto de vista revolucionário. O artigo de João Gabriel da Fonseca Mateus é uma contribuição para se compreender a história das lutas sociais no Brasil, tendo como eixo de análise o Jornal Spartacus, publicação anarquista da primeira república no Brasil. Para finalizar, colocamos à disposição do público um texto assinado pelo Movimento Autogestionário, que é parte de um debate que o Movaut travou com um Coletivo nos anos de 2008 e 2009. Tal debate resultou numa intensa e numerosa troca de e-mails, textos coletivos, individuais etc. O que aqui está disponível é uma carta assinada pelo Movaut discutindo questões teóricas, políticas e organizacionais de importância. Daí sua escolha para compor este número da Enfrentamento.

Conselho Editorial da Revista Enfrentamento